



8 DE MARÇO **Mulheres livres! Povos soberanos!**

Em todo Brasil, manifestações do 8 de março foram marcadas pelo feminismo anti-capitalista

O dia internacional de luta das mulheres é cada vez mais incorporado na agenda de mobilização dos movimentos sociais. Neste 8 de março, mais uma vez, a MMM saiu às ruas para expressar suas lutas por mudar o mundo e mudar a vida das mulheres em um só movimento.

A cada ano, além dos atos nas capitais, mais municípios e regiões organizam suas próprias manifestações, como em Montes Claros, que reuniu as mulheres do Norte de Minas Gerais. Outra marca deste ano foi o aumento da presença da batucada nas manifestações da Marcha Mundial das Mulheres, como em Juiz de Fora e no sertão central do Ceará.



Kelly Fonseca / CF8 (destaque)



Batucada, luta pela legalização do aborto e crítica à crise global foram as principais marcas deste 8 de março

Mudar o mundo

A crítica radical ao capitalismo patriarcal esteve presente em todas as mobilizações, que denunciaram os verdadeiros culpados pela crise global, e as medidas adotadas por governos de ajuda às grandes empresas e bancos. As mulheres afirmaram que não vão pagar por essa crise, e que são necessárias medidas que aproveitem a crise para alterar a lógica da sociedade de mercado. Neste sentido, apontam como fundamentais a mudança do

modelo de produção e consumo, a recuperação do sentido público do Estado, e a redução de jornada de trabalho sem redução de salários.

Autonomia e liberdade

A luta pela legalização do aborto ganhou um fôlego especial neste 8 de março, em decorrência da demonstração reacionária de setores conservadores da Igreja católica contra o aborto legal. Também esteve presente nas ruas a denúncia da

violência contra as mulheres e da mercantilização do corpo e da vida.

Contra o agronegócio, por soberania alimentar!

Dando seguimento às ações contra o agronegócio, as mulheres da Via Campesina realizaram uma jornada de luta com ações em mais de 7 estados. Essas ações de denúncia fortaleceram a crítica às transnacionais e a luta por reforma agrária e soberania alimentar.

Manifestação na fronteira Brasil/Uruguai

Em Santana do Livramento, fronteira do Brasil com o Uruguai, a CUT organizou um ato internacional em conjunto com centrais sindicais do Cone Sul e com movimentos feministas como a MMM. "Igualdade de oportunidade e de salários entre homens e mulheres", e "Soberania alimentar" foram os principais eixos das manifestações. Também teve destaque a luta contra a violência e a impunidade dos assassinos e agressores de mulheres na fronteira. Mais de 5 mil mulheres e homens participaram das atividades, que tiveram início no sábado, com espaços de formação para as mulheres. Entre as oficinas, se destacam os temas da soberania alimentar, feminismo e lesbianidade, e sobre a luta pela legalização do aborto na América Latina. No dia 8, as mulheres se somaram à tradicional marcha da cidade, realizando um grande ato.

Reforma tributária

O governo apresentou uma proposta de Reforma Tributária, que está em discussão no Congresso Nacional. Mais de 60 movimentos e organizações sociais elaboraram um manifesto demonstrando preocupações com a proposta, que pode prejudicar o financiamento das políticas sociais no Brasil, ameaçando as áreas da seguridade social, educação e trabalho.

O Manifesto foi entregue ao Presidente da Câmara dos Deputados no dia 4 de março, junto com a proposta de abrir o debate sobre a Reforma para o conjunto da sociedade e movimentos sociais.

A Reforma Tributária que as mulheres defendem para o Brasil deve ter como prioridade alcançar a justiça tributária. Isso significa pensar tanto na arrecadação, quanto na destinação dos recursos. Do lado da arrecadação, são elementos essenciais para uma reforma tributária justa: a progressividade da tributação, ou seja, quem tem mais renda deve pagar mais impostos; o patrimônio e a renda devem ser mais tributados que o consumo; a base de financiamento deve ser maior e mais diversificada. Ao mesmo tempo, a reforma deve assegurar maior grau de justiça na distribuição dos recursos, priorizando áreas com maior impacto redistributivo.

LANÇAMENTO



O livro *"Uma década de luta internacional feminista"*, publicado pela MMM, conta a história da Marcha, traz os principais documentos

que expressam os posicionamentos, e os desafios colocados para ação feminista anti-capitalista. Está disponível em inglês, espanhol e francês.

EM MOVIMENTO Aborto: questão de direito e não de polícia

Setores conservadores e reacionários da sociedade brasileira aumentam a ofensiva de criminalização das mulheres que praticam aborto

A luta pela legalização do aborto foi destaque nas manifestações do 8 de março em todo o país



Dando continuidade à ofensiva conservadora e machista contra os direitos das mulheres, em dezembro do ano passado o Congresso Nacional aprovou a abertura de uma CPI para investigar o aborto clandestino. Esta CPI tem como objetivo criminalizar as mulheres pobres e os movimentos sociais que defendem a legalização do aborto, uma investida sem precedentes de ataque aos direitos reprodutivos e à autonomia das mulheres.

Além da CPI, estão de volta na pauta da Comissão de Seguridade e Família projetos como o bolsa estupro e a obrigatoriedade de notificação da gestação.

Nossa luta

A Marcha está empenhada na construção da "Frente Nacional pelo fim da criminalização das mulheres e pela legalização do aborto" para reagir à essa ofensiva.

No FSM, a Frente organizou uma atividade sobre a criminalização das mulheres no Brasil e na

América Latina, e o crescente conservadorismo na Europa. A atividade terminou com uma passeata. Também atuou no palco sobre a criminalização dos movimentos sociais. Estas ações deram visibilidade ao tema da criminalização das mulheres, vinculado à criminalização da pobreza e dos movimentos sociais, que tem sido uma forma de controle do neoliberalismo para manter a subordinação e desigualdade.

Agora, a principal tarefa é construir a Frente nos estados, para enraizar a luta e criar força. O desafio é incorporar não somente o movimento de mulheres, mas o conjunto dos movimentos sociais, conselhos profissionais, sindicatos e todos (as) que apoiam a descriminalização. A urgência é barrar a CPI do aborto, para isto é preciso fazer ações nos estados, tanto de debate, mobilização, como discutir com deputados(as) e partidos para que assumam o compromisso de não instalar a CPI do aborto.

Boletim da Marcha Mundial das Mulheres

Publicação da SOF – Secretária Executiva MMM. Rua Ministro Costa e Silva, 36 - Pinheiros - São Paulo/SP - CEP 05417-080

Tel./fax: (11) 3819-3876 - marchamulheres@sof.org.br - www.marchamundialdasmulheres.org. Equipe de redação: Isabel Freitas,

Maria Fernanda Marcelino, Nalu Faria, Sarah de Roure, Sonia Coelho, Tica Moreno. Projeto e editoração: Caco Bisol Produção Gráfica.

Tiragem: 3.000 exemplares. Apoio: Cooperação ao Desenvolvimento – Governo Basco.

MUNDO AFORA **Marcha Mundial das Mulheres no México**

Pelo fim da violência contra as mulheres

A Campanha “Um milhão de assinaturas para exigir a segurança da vida das mulheres”, que teve início em setembro de 2007, teve sua terceira etapa no final de 2008, com a realização de uma marcha-caravana. A Marcha partiu de Ciudad Juarez, no norte do México, no dia 24 de novembro, e realizou atividades e manifestações em várias cidades do país, até chegar a Chiapas no dia 1º de dezembro.

Do Norte ao Sul, reivindicaram o fim dos feminicídios, da militarização do país, liberdade às presas políticas, a declaração de alerta de gênero e fim da repressão dos movimentos sociais.

“É uma marcha de denúncia. É uma marcha de solidariedade. É uma marcha de esperança. É uma marcha que nos convoca a continuar marchando em frente.”



Ato de encerramento da Caravana, em Chiapas

SOLIDARIEDADE **Palestina livre e soberana!**

Articulações em defesa da autodeterminação dos povos



Marta Fernanda Marcolino

Solidariedade à Palestina no FSM

A situação na faixa de Gaza representa um enorme desafio para as mulheres palestinas. Elas, que junto às crianças são as primeiras vítimas desse conflito, têm participado ativamente da luta contra a ocupação israelense.

Elas lutam para unificar a liderança política palestina e por um programa imediato de atenção às demandas sociais, mas também atuam com bandeiras específicas.

Entre elas, a mudança na situação legal das mulheres, além da construção do movimento como uma organização secular que enfrente a opressão contra as mulheres. Isso tudo só será possível em uma sociedade independente e sem ocupação estrangeira.

O que fazer diante disso?

Um movimento internacional (BDS) está convocando uma ação de boicote aos produtos e empresas de Israel. Essa pode ser uma estratégia eficiente contra a ocupação, já que tem impactos econômicos nos que financiam a guerra.

Os produtos de origem israelense podem ser facilmente identificados pelo código de barras que começa sempre com 729. A Motorola é um dos principais alvos do nosso boicote. Boicote você também!

IV CUPULA DOS POVOS

Entre os dias 16 e 18 de abril acontecerá a 4ª Cúpula dos Povos, em Trinidad y Tobago. Paralela a 5ª Cúpula dos presidentes das Américas será a primeira depois da eleição do novo presidente dos EUA e da derrota da ALCA em Mar del Plata, em 2005. Esses dois fatos ajudam a dar o tom e a importância desse momento.

A crise global desenha uma conjuntura desafiadora para o debate e a construção de convergências entre os movimentos e organizações sociais das Américas e Caribe.

De acordo com a Aliança Social Continental, essa será uma reunião importante para definir uma posição pública diante das questões em torno da integração regional e das políticas do novo governo dos EUA, além de aprofundar o debate, a confrontação e a formulação de alternativas ao modelo neoliberal.

Avançar na construção de alternativas ao modelo neoliberal fortalecendo um projeto de integração solidária entre os povos é o desafio que motiva a construção de mais uma Cúpula.

O Fórum reuniu cerca de 100 mil pessoas em seis dias de debates e mobilizações, em Belém do Pará



JOS ANTUNES

Mais de 100 militantes animaram a batucada na Marcha de abertura do FSM

A 7ª edição do Fórum Social Mundial aconteceu de 27 de janeiro a 1º de fevereiro. Em uma conjuntura marcada pela crise global, o FSM encarou o desafio de buscar respostas e articular agendas de luta para apresentar à sociedade alternativas ao modelo.

Presença da Marcha

A MMM organizou uma série de atividades em conjunto com redes e movimentos aliados. A crítica feminista na construção de análises e alianças, articulada com temas como as mudanças climáticas e a soberania alimentar, deram o tom nessas atividades.

Uma das principais atividades da Marcha foi sobre a construção da ação de 2010.

A partir dos relatos das lutas de companheiras da Amazônia peru-

ana e brasileira, do Nepal, da Turquia e da República Democrática do Congo, e das experiências de construção da Marcha na África do Sul e no Brasil, foi possível apresentar o conteúdo das demandas e as formas de expressão da ação internacional de 2010.

Batucada Feminista

A Batucada da Marcha também marcou presença com mais de 100 militantes. Isso possibilitou intercâmbios de ritmos, músicas e palavras de ordem. Na marcha de abertura, mesmo debaixo da chuva, a batucada coloriu as ruas e politizou a manifestação. Realizou paradas estratégicas para denunciar empresas de comunicação, fast food e outros símbolos do poder masculino.

A batucada também marcou

presença nas atividades pela legalização do aborto e por soberania alimentar, além de realizar uma grande oficina na entrada da universidade.

Alianças

A Marcha impulsionou a Assembléia dos Movimentos Sociais e o diálogo dos movimentos com os presidentes da Bolívia, Equador, Paraguai e Venezuela. Este foi um espaço importante para apresentar as demandas dos movimentos nos processos de mudanças em curso na América do Sul. Em suas falas, os presidentes assumiram compromissos como a igualdade entre homens e mulheres como um valor do Socialismo no século XXI, além de transformações estruturais, como a reforma agrária e a democratização dos meios de comunicação.

Na Assembléia de Mulheres, a marca foi o questionamento ao sistema capitalista, patriarcal e racista. As mulheres apresentaram suas lutas contra o modelo de desenvolvimento estabelecido na Pan-Amazônia, que destrói a natureza e condena muitas meninas e mulheres à prostituição. Estiveram presentes as lutas das mulheres na Colômbia, Índia e Palestina.

Em especial, foi destacada a luta contra a criminalização das mulheres por realizar aborto, e pela garantia do direito ao aborto legal e seguro.

Ação global contra o capitalismo e a guerra

A Assembléia dos Movimentos Sociais definiu uma agenda de lutas para 2009, na qual se destaca a semana de ação global contra o capitalismo e a guerra, de 28 de março a 4 de abril.

A semana começa com mobilizações contra o G-20, no 28 de março, passa pelo dia de solidariedade com o povo palestino (30 de março) e conclui com manifestações contra a OTAN, em seu 60º aniversário, em 4 de abril.

No Brasil, as mobilizações estão sendo articuladas pelos movimentos sociais nos municípios e estados.